

deus da fúria
série legado dos deuses, livro cinco
rina kent

Tradução de Célia Correia Loureiro

Aos que gritam em silêncio.



NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor,

A história do Nikolai e do Brandon é o meu primeiro livro MM e uma das poucas histórias que me consumiram — de coração, corpo e alma. Eles vivem em mim e, durante algum tempo, vivi para eles. Os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses, mas deleitei-me com cada centelha da sua intensidade, cada chicotada da sua paixão e cada traço da sua angústia.

Pus o meu coração nestas páginas para contar a história deles e espero que desfrute da sua dinâmica tão especial e explosiva tanto quanto eu.

Deus da Fúria é uma história totalmente independente. No entanto, como decorre durante a linha temporal dos quatro livros anteriores da série, revela alguns acontecimentos importantes.

Se ainda não leu os meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias mais sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Os meus livros e os meus protagonistas não são para os mais sensíveis.

Este livro não é tão sombrio quanto os outros no que diz respeito a relacionamentos, mas aborda temas delicados. Vou listá-los abaixo por precaução; contudo, se não tiver gatilhos, por favor, salte o parágrafo seguinte, uma vez que este contém revelações cruciais sobre o enredo.

Deus da Fúria aborda questões de saúde mental, incluindo depressão, transtorno de personalidade limítrofe, pensamentos suicidas e automutilação. Há descrições explícitas de agressão sexual a menores, tentativa de suicídio e violência. Certifique-se de que conhece os seus gatilhos antes de prosseguir.

Para mais informações sobre Rina Kent, visite rinakent.com

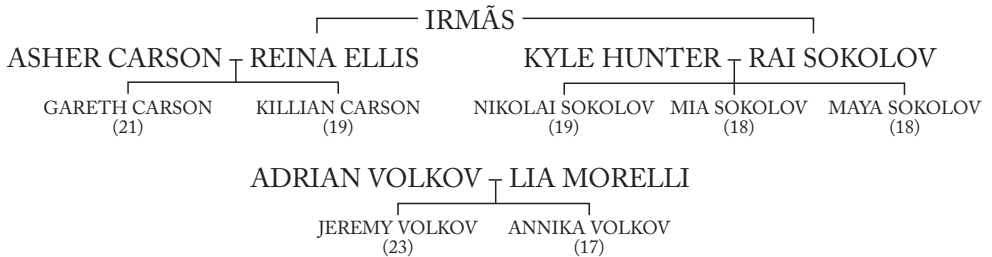


ÁRVORE DO LEGADO DOS DEUSES

UNIVERSIDADE ROYAL ELITE



FACULDADE KING'S U





PLAYLIST

Yellow — Coldplay
Do I Wanna Know? — Arctic Monkeys
I Wanna Be Yours — Arctic Monkeys
Your Blood — Nothing But Thieves
Impossible — Nothing But Thieves
Demons — MISSIO
Maniac — Conan Gray
Run Into Trouble — Alok & Bastille
Somebody Else — The 1975
Someone Else — Loveless
Losing Control — Villain of the Story
Yours — Conan Gray
Sorry I'm Yours — Circa Waves
Half-Life — Essenger
Dear Reader — Taylor Swift
Half of My Heart — Josh Makazo
Silence — Marshmello & Khalid

Pode encontrar a *playlist* completa no *Spotify*.



UM

Brandon

O que é que eu estou aqui a fazer?

No fundo do meu coração, sei a resposta. Sei-a tão bem que ainda sinto o sabor da náusea que me desceu pela garganta e se agarrou aos ossos quando recebi aquela maldita mensagem.

Uma mensagem que devia ter ignorado e apagado, para depois bloquear o número.

Uma mensagem que não devia sequer ter lido, muito menos considerado suficientemente importante para interferir nas minhas decisões.

Mas considereei.

E é por isso que estou aqui.

Dei-lhe importância.

E, agora, meti-me numa situação sem saída.

Sim.

E não tenho a certeza se o facto de não ter tido escolha justifica este lapso.

Na realidade, tive escolha.

Contudo, nunca fui bom a fazer escolhas. Não gosto de as fazer. Não quero saber delas. Prefiro não ter de as fazer.

A mensagem continha um dever ou, mais precisamente, uma informação valiosa.

Não era uma escolha e, certamente, *não* era uma situação da qual pudesse escapar.

A razão pela qual estou aqui deve-se exclusivamente ao meu sentido de responsabilidade, que carrego em excesso desde que comecei a aprender o que é a vida.

Estou no que parece ser um local de doutrinação. Ao meu lado, estão outros alunos de pé, em filas paralelas e com máscaras de coelho brancas a cobrir-lhes os rostos. Estamos diante de uma mansão enorme de três andares, com paredes de pedra antigas e uma velha torre na extremidade direita.

Quanto mais tempo permaneço imóvel, mais instável se torna a minha respiração.

As minhas inspirações e expirações fluem num ritmo rápido e fragmentado, embaciando o plástico da máscara e obrigando-me a respirar o meu próprio ar.

Tique.

O som é baixo, mas atinge-me o cérebro como um choque fatal. Sinto a boca encher-se de saliva e engulo-a, forçando o estômago a acalmar-se.

Tique.

Levanto a mão, prestes a arrancar o cabelo do crânio. Às vezes, gostava de poder esmagá-lo contra a parede mais próxima e ver tudo espalhado e estilhaçado. De uma vez por todas, porra.

Tique.

Curvo os dedos no ar, mas baixo a mão e forço-a a manter-se ao lado do corpo.

Está tudo bem. Eu aguento.

Respira.

Está tudo sob controlo.

Estas palavras apaziguadoras e motivadoras fragmentam-se quando a cena ao meu redor volta a ficar nítida.

Por mais que tente iludir-me, a verdade é que estou no último sítio onde devia estar.

E não sou o tipo de pessoa que desafia o destino nem vai a lugares onde não devia ir.

Nestes vinte e três anos de vida, sempre fui o tipo de homem que segue as regras. Nunca me desviei do que esperam de mim e a ideia de ser diferente causa-me arrepios.

Em qualquer sentido.

Por qualquer motivo.

No entanto, aqui estou eu, na mansão dos Heathens, porque recebi uma mensagem e decidi, em plena consciência, não a ignorar.

Decidi participar no ritual de iniciação do clube mais famoso da ilha de Brighton, um lugar isolado perto da costa sudoeste do Reino Unido.

Um clube numa universidade onde nem sequer estou matriculado.

Os Heathens são o principal clube da King's U, uma universidade que

tresanda a dinheiro da máfia e à nova burguesia, na qual os estudantes americanos se reúnem como pássaros da mesma plumagem.

Na Universidade Royal Elite — ou URE —, onde estou a fazer o meu mestrado em Arte, também temos o nosso próprio clube malicioso. Chama-se Elites e é liderado por ninguém menos do que o Landon, o meu irmão gémeo, que é uma autêntica dor de cabeça.

No entanto, os clubes da King's U — os Heathens e os Serpents — são muito mais sinistros, já que os membros vêm de famílias mafiosas a sério e usam a experiência universitária para afiarem as presas para os cargos de liderança que os aguardam nos Estados Unidos.

Se alguém me tivesse dito há uma semana que estaria aqui, com uma máscara de coelho sinistra, à espera de que aparecessem esses americanos arrogantes e sedentos de violência, ter-me-ia rido.

Agora, não me estou a rir. No espaço de uma semana, muita coisa mudou e sinto-me na obrigação de estar aqui.

Como parte do rebanho.

E isso tem tudo a ver com aquele irmão chato que mencionei.

Embora me tenham ficado com o telemóvel à entrada, ainda me lembro da mensagem que recebi ontem, palavra por palavra.

Heathens: Parabéns! Estás convidado para a cerimónia de iniciação dos Heathens. Por favor, apresenta o código QR em anexo à chegada ao complexo do clube, às 16h em ponto.

Embora já tivesse ouvido falar das suas iniciações nefastas, não tenho qualquer interesse por elas nem pelos clubes. Se tivesse, ter-me-ia juntado aos Elites, já que o Lan me pede isso há anos.

Por isso, ignorei a mensagem e estava prestes a bloquear o número, mas depois recebi outra.

Número desconhecido: Se quiseres voltar a ver o teu irmão gémeo a respirar, em vez de metido num caixão em exibição perante todos os participantes, vem à iniciação.

Foi por isso que vim, embora cada fibra do meu corpo se revoltasse contra a ideia de participar nesta loucura.

Telefonei e enviei uma mensagem ao Lan, mas ele não respondeu; por isso, tive de vir resgatá-lo, como sempre.

O meu irmão sempre foi a razão pela qual me desvio do cerne da minha existência, embora ele argumente que essa é a minha verdadeira personalidade e que o que considero normal é produto da repressão.

Escondido.

Com o meu verdadeiro eu aprisionado.

Sinto um movimento repentino ao meu lado e contraio os músculos, pronto para fugir, afastar-me do centro do perigo e fingir que nada disto aconteceu.

A pessoa ao meu lado — uma rapariga, a julgar pelos seios e pela estrutura física — ri-se enquanto bate no ombro do companheiro.

Um murmúrio geral de excitação paira no ar.

Não compreendo a obsessão das pessoas por este tipo de eventos. Será a sensação de grandiosidade? A oportunidade de caminhar entre deuses?

Mas, lá está, é-me impossível entender algumas pessoas, porque a minha personalidade é drasticamente diferente da dos meus colegas.

Não me interpretem mal. Dou-me bem com quase toda a gente e costumam descrever-me como alguém extremamente educado e divertido, mas os meus amigos íntimos contam-se pelos dedos. A única razão pela qual somos próximos é o facto de termos crescido juntos, o que significa que passei vários anos a familiarizar-me com as suas personalidades.

Talvez a minha incapacidade de criar ligações próximas após a infância se deva ao facto de estar completamente desligado daquilo que torna a maioria das pessoas feliz. Um exemplo flagrante é a minha total perplexidade perante o entusiasmo desta gente. Falam dos Heathens como se fossem a personificação de tudo o que ambicionam ser.

Riqueza, influência e, o mais importante, poder mórbido.

Eu, Brandon King, pertenço a uma das famílias mais influentes do Reino Unido, se não a mais influente, mas continuo sem entender esta obsessão por elites autoproclamadas.

Será a ilusão? O desconhecido? Algo completamente diferente?

A conversa da rapariga é interrompida e ela olha para cima quando todos ficam em silêncio. Sigo o seu olhar e estaco quando as portas da varanda do segundo andar se abrem e saem cinco homens, todos com máscaras com costuras em néon, ao estilo do Halloween.

O que está no meio tem uma máscara laranja e carrega um bastão de metal. É alto e corpulento, mas o homem ao seu lado, com a máscara amarela, é ainda mais alto e musculado, e exala hostilidade, mesmo a esta distância.

Ele destaca-se por ser o único sem arma, mas, ainda assim, irradia uma energia funesta. Os restantes, no entanto, parecem ter os pensamentos e os temperamentos sob controlo.

O Máscara Vermelha fecha os dedos em torno de um taco, pousando-o com indiferença no ombro.

A mão do Máscara Verde empunha um arco recurvo e traz uma aljava às costas, enquanto o Máscara Branca acaricia uma corrente de aspeto pesado que tem pendurada ao pescoço.

Estão todos vestidos com *T-shirts* e calças pretas, como uma unidade de destruição uniformizada.

Felizmente, nunca me cruzei com os Heathens nem interagi com eles, o que não se pode dizer do parvo do meu irmão. Estará ele com eles? Estará, porventura, a participar num jogo doentio para fazer parte do seu círculo restrito?

Ou estará algures à minha frente, ou atrás de mim? Talvez ao meu lado?

O problema é que não consigo imaginar o Lan a participar nas cerimónias de um grupo, nem a ser apenas um peão nos esquemas destrutivos dos outros. É demasiado narcisista para isso. Além disso, como poderia ele ter recebido um convite?

Da mesma forma que eu?

Provavelmente.

Talvez.

Observo os cinco Heathens atentamente. É provável que o homem com a máscara laranja, ao centro, seja o Jeremy Volkov, o líder dos Heathens e um príncipe da máfia russa. Se os boatos dos meus amigos forem verdade, ele é implacável ao extremo e diz-se que mata todos os que se atravessam no seu caminho.

Os das máscaras verde e vermelha são, possivelmente, o Gareth e o Killian Carson. Os irmãos estão ligados à máfia, mas são mais realza americana do que príncipes dessa organização. No entanto, não estou certo de conseguir distingui-los. O Máscara Branca parece ser o mais magro do grupo, por isso não pode ser nenhum dos três que acabei de mencionar.

O Máscara Amarela só pode ser o Nikolai Sokolov: outro príncipe da máfia russa, primo do Killian e do Gareth, e o tipo mais louco que alguma vez pisou a terra.

Se os rumores forem verdadeiros — e, no caso do Nikolai, devem ser —, ele é capaz de espancar alguém até à morte só porque teve a audácia de o irritar. Estive perto do Nikolai apenas uma vez, há uma semana, quando o meu irmão gémeo o enfrentou num clube de luta clandestino — *mais uma vez.*

Para ser sincero, achei que ele ia espancar o Lan até à morte. Mas não o fez, porque o meu irmão é um gato com sete vidas.

A minha preocupação com o Lan transformou-se numa inquietação

perturbadora quando o Nikolai me olhou com uma expressão maníaca, de mãos enfaixadas e manchadas do sangue do meu irmão.

Senti urgência de sair dali. E foi o que fiz — depois de arrastar o meu irmão comigo, claro.

Nunca experimentei essa sensação com alguém mais novo do que eu, e o Nikolai é *muito* mais novo. Tem dezanove anos, acho eu. Um miúdo recém-saído do ensino secundário — ou *high school*, para os americanos.

Só que ele não se parece *nada* com um miúdo.

Mesmo agora, vestido de preto, a sua estrutura física destaca-se como se tivesse sido esculpida em músculo puro e intenções maliciosas.

Ainda bem que não pertenço ao círculo desta gente, nem nunca pertencerei.

Hoje é uma exceção. Quanto mais cedo encontrar o Lan, mais rápido poderei abandonar este lugar imoral.

Um ruído estático ecoa no ar antes que uma voz distorcida fale ao nosso redor.

— Parabéns por terem chegado à altamente competitiva iniciação dos Heathens. Vocês são a elite escolhida, aqueles que os líderes do clube consideram dignos de se juntar ao seu mundo de poder e conexões. O preço a pagar por tais privilégios é mais alto do que dinheiro, estatuto ou nome. A razão pela qual todos usam uma máscara é porque, aos olhos dos fundadores do clube, vocês são todos iguais. O preço para se tornarem um Heathen é entregarem a vossa vida. No sentido literal da palavra. Se não estiverem dispostos a pagar esse preço, por favor, saiam pela porta à vossa esquerda. Assim que saírem, perdem qualquer hipótese de voltar a juntar-se a nós.

Uma porta ao lado do grande portão abre-se e cerca de uma dúzia de pessoas, ou menos, saem. Pondero juntar-me a elas e pôr um fim a esta loucura, mas nunca, de forma consciente, iria abandonar o meu irmão.

Nunca.

A voz distorcida retorna.

— Parabéns, mais uma vez, senhoras e senhores. Está na hora de começarmos a iniciação.

Levanto a cabeça para os cinco Heathens, que permanecem imóveis. Completamente imperturbáveis e apáticos em relação à devastação que irão causar no mundo.

Todos, exceto um.

A anomalia.

A violência em esteroides.

O Máscara Amarela abre e fecha os punhos num ritmo cadenciado, como

se estivesse a realizar um ritual. Este gajo devia estar preso, em vez de ser autorizado a participar nesta iniciação sem sentido.

— O jogo desta noite é predador e presa — continua a voz. — Vocês serão caçados pelos membros fundadores do clube. Serão cinco contra noventa, pelo que vocês estão em vantagem. Se conseguirem chegar ao limite da propriedade antes de serem caçados, tornar-se-ão um Heathen. Se não conseguirem, serão eliminados e escoltados para o exterior. Os membros fundadores têm o direito de usar qualquer método disponível para vos caçar, incluindo violência. Se a arma escolhida por eles vos tocar, serão automaticamente eliminados. Danos físicos podem e vão acontecer. Vocês também estão autorizados a usar violência contra os membros fundadores, se conseguirem. A única regra é não tirar nenhuma vida. Pelo menos, intencionalmente. Não são permitidas perguntas e nenhuma misericórdia será concedida. Não queremos fracos nas nossas fileiras.

Bárbaros. Todos eles. Bestas sem salvação, ultrajantes e sem graça nenhuma.

Mas, pensando bem, o que se poderia esperar de mafiosos?

— Vocês têm uma vantagem de dez minutos. Sugiro que comecem a correr. A iniciação começou oficialmente.

A rapariga ao meu lado e os companheiros correm tão depressa que o cascalho range sob os seus ténis. Todos os outros correm em direção à floresta e eu fico com a opção de os seguir ou permanecer aqui, como uma presa fácil.

Praguejando entre dentes, corro o mais depressa possível. A minha frequência cardíaca mantém-se inalterada — calma, imperturbável pela sensação de perigo e pela sede de adrenalina que paira no ar como salpicos de magenta sobre azul-turquesa.

Suponho que esta seja a vantagem de ter um cérebro anormal.

Este tipo de absurdo não me afeta.

Apesar de ter começado mais tarde, consigo correr mais depressa e mais longe do que os outros participantes. Posso não gostar deste tipo de eventos, mas sou um atleta, praticamente um corredor profissional, e o capitão da equipa de lacrosse da URE.

Levo as minhas atividades físicas a sério e nunca falto a um dia de treino ou de corrida, seja pela equipa ou por mim próprio.

É importante manter a ordem e a disciplina, e sou exímio na criação de estabilidade e hábitos. Além disso, se não mantiver uma rotina, acabarei por me perder num abismo de vazio e precipitar-me num trágico acidente bizarro.

Não, obrigado.

Em pouco tempo, consigo chegar ao que parece ser o meio da floresta,

após perder de vista os restantes alunos. A luz do final da tarde projeta manchas alaranjadas na terra e entre as árvores enormes. Mas depressa as nuvens cinzentas estrangulam esses raios de esperança, engolindo-os na escuridão.

Agacho-me atrás de um arbusto grande, que me cobre todo o corpo, e espero.

Neste momento, é tudo o que posso fazer.

Ficar agachado. Esperar. Observar. E nunca, *jamaís*, chamar a atenção para a minha presença.

Uma tarefa na qual sou excelente.

Se o Lan aparecer, seja como um dos Heathens — o que é altamente improvável — ou como um dos participantes, terei uma espécie de pressentimento, devido à minha intuição de gémeo, tantas vezes inútil.

Alguns correm como uma alcateia de lobos. O fedor da violência irracional paira no ar e forma halos sinistros em torno das cabeças dos participantes, e gritos de excitação escapam-lhes dos lábios e pintam o céu com manchas vermelho-tijolo sobre um negro de meia-noite. No entanto, a excitação deles dura pouco. O Máscara Laranja persegue-os, empunhando aquele bastão cruel. Silenciosamente, encolho-me quando ele atinge um deles com tanta força que o rosto se vira para o lado e o sangue explode na máscara do participante, partindo-a em dois.

Vislumbro alguém a andar à deriva, atordoado, com uma flecha cravada no ombro e um braço inerte colado ao corpo.

Os números dos alunos eliminados são anunciados por aquela voz robótica perturbadora, por vezes uns a seguir aos outros. Creio que o processo é automático, porque sempre que vejo alguém ser atingido por uma flecha ou pelo bastão do Máscara Laranja, o seu número é imediatamente anunciado.

Durante todo este espetáculo bizarro, não me mexo e, quando o faço, é apenas para ajustar a minha posição.

Onde estás, Lan?

Embora me orgulhe da minha resistência, provavelmente não irei conseguir manter este ritmo por muito tempo. Talvez devesse mudar-me estrategicamente para outro recanto desta floresta extravagante, caso o meu irmão esteja do outro lado...

Um frio repentino percorre-me a nuca, seguido por um calor escaldante, enquanto uma voz grave me sussurra ao ouvido:

— Porque não estás a correr?

Os meus sentidos ficam saturados com uma onda de estímulos externos avassaladores, e o cérebro é incapaz de acompanhar a sobrecarga. Perco o equilíbrio e caio abruptamente no chão, com um impacto que reverbera nos ossos.

Olho para cima, e o meu olhar colide com a máscara amarela manchada de salpicos vermelho-escuros.

Sangue.

Está por toda a parte — colado à máscara, manchando a camisola escura, formando veios no pescoço, cobrindo as tatuagens nas costas das mãos como luvas e agarrado aos fios de cabelo negro como azeviche, que caem em ondas até às omoplatas.

A náusea invade-me a boca e vai direta para o meu cérebro desorientado.

Tique.

Tique.

Tique, tique, tique, tique...

— Não respondeste à pergunta.

O tom rude do Máscara Amarela ecoa-me na garganta e abafa os ruídos na minha cabeça, substituindo-os por pavor.

Áspero e pungente.

O pior é que não consigo respirar.

O idiota está agachado ao meu lado — tão perto que as minhas narinas se enchem com o odor metálico do sangue, juntamente com o cheiro a cigarros, álcool e um toque de menta e bergamota.

A mistura avassaladora inunda-me os sentidos como um redemoinho caótico de cores que se misturam e sufocam cada pigmento até se firmarem num cinzento discreto.

Impecável. Atemporal. *Vazio.*

O Máscara Amarela, que só pode ser o Nikolai, toca-me na testa com um dedo ensanguentado. E, embora esteja apenas a tocar na máscara e não na minha pele, sinto o estômago a contrair-se, sufocando a náusea, que está pronta para se manifestar e me fazer vomitar.

— Ei. Estás a ouvir? — Ele está apenas a usar o indicador, mas há tanta força neste único gesto que cedo sob a pressão.

Nunca fui bom em confrontos diretos e prefiro não me envolver neles. Além disso, se o que ouvi sobre a sua reputação infame for verdade, nunca conseguiria enfrentar o Nikolai Sokolov, mesmo que tivesse reencarnado no corpo de um guerreiro.

Ele é famoso pelo comportamento selvagem, pela instabilidade psicológica e pela propensão para respirar violência em vez de oxigénio. As provas estão espalhadas a vermelho por todo o seu corpo.

É, sem dúvida, a última pessoa com quem gostaria de entrar em desacordo.

Ele estala a língua, o som excecionalmente alto, apesar dos anúncios constantes dos números eliminados. Não ouço o meu — oitenta e nove —,

mas o Nikolai não tem uma arma como os outros; por isso, talvez tenha de me golpear com as próprias mãos.

Ou seja, se escapar, posso retomar o jogo das escondidas e procurar o meu irmão. Estou tão zangado com ele por causa desta confusão...

O Nikolai gira o indicador contra a minha testa, mas depois parece limpar algo. Ele imobiliza-se e o seu corpo fica tão estático que paro de respirar.

A hostilidade e a sede de sangue que emanavam dele há instantes diminuem. Ou, mais precisamente, abrandam de intensidade, deixando de retesar aqueles músculos ridiculamente exagerados e os bíceps salientes.

Embora esteja agachado, a sua altura e largura são inconfundíveis. Com um metro e noventa, não sou baixo de maneira nenhuma, mas o Nikolai é alguns centímetros mais alto do que eu e é ridiculamente musculado; tem mais cabedal do que qualquer pessoa precisa.

Mas, por outro lado, parece o arquétipo de um sádico que se excita ao infligir dor.

No entanto, esse não parece ser o caso agora.

A ameaça que exalava dele há alguns segundos foi substituída por algo muito mais mórbido.

Diversão.

Não, curiosidade?

Interesse?

Ele baixa o dedo da máscara, mas, de repente, antes que eu consiga soltar o ar, envolve-me a nuca com a mão, perto do cabelo que eu tanto maltrato.

Talvez seja porque essa área está particularmente dorida e sensível, mas, no momento em que a sua pele áspera toca na minha, uma onda do que penso ser náusea ameaça sair-me do estômago.

Só que não é náusea.

É...

O Nikolai solta uma gargalhada que ecoa à nossa volta numa onda de bordô e laranja-avermelhado escaldante.

— Aqui estás tu. Andei à tua procura por todo o lado, Oitenta e Nove.



DOIS

Brandon

— Sabes quem eu sou?
Não faço ideia de como as palavras me saem da boca — com uma voz nauseante e trémula, devo acrescentar.
Tique.

Uma racha surge nas minhas paredes externas e estende-se até ao chão.
Tique.

O buraco negro alarga-se e uma tinta preta e lamacenta engole-me os pés até deixar de os sentir.

Tique...

— Hum. Deveria saber? — O rugido rouco do Nikolai soa sinistro, reforçado pelos salpicos de sangue na máscara néon.

Tenho estado num estado constante de hipervigilância desde que ele invadiu o meu espaço, mas isso não está certo.

Não é assim que devia ser.

Uma baforada de ar escapa-me do peito contraído e, com isso, as minhas inspirações e expirações voltam ao normal.

Estou a pensar demais — como sempre.

Tenho de voltar a fazer exercício ou a pintar cenas naturais calmantes, para quebrar este círculo vicioso de vermelho sobre preto.

Ou, mais precisamente, preto sobre cinzento morto.

Não consigo pensar. Pensar leva a imagens perturbadoras que prefiro deixar no barracão insignificante do meu coração, que mal pulsa.

O Nikolai crava os dedos na minha nuca, penetrando na pele até que o sinta em vez de o ver.

— A resposta é sim, betinho. Devia saber quem és, não devia?

Os meus músculos contraem-se numa onda de raiva, e deixo que ela se apodere de mim enquanto me entrego.

A raiva é melhor do que a náusea.

A raiva é, decerto, muito mais bem-vinda do que o tique-tique do juízo final que o meu cérebro pratica como uma religião ortodoxa.

Como ousa ele falar comigo neste tom de gozo? Eu sou o Brandon King e esse apelido significa algo neste mundo.

Mas tu não. Sem o apelido do teu pai, não és nada.

A voz é como lixa sobre vidro, deixando uma sensação seca e áspera na base da minha garganta.

Engulo o súbito sabor a podre e forço-me a acalmar enquanto dou uma palmada no braço do Nikolai.

Ele não se mexe, nem um centímetro, como se aqueles dedos brutos fossem agora uma extensão da minha nuca.

— Larga-me — digo... ou, melhor, ordeno.

Sou simpático e agradável até que alguém ultrapasse os limites, coisa que o Nikolai tem feito com distinção desde que me pregou um susto de morte.

— Estás com pressa para ir a algum lugar?

— É mais porque não gosto que me toquem, especialmente com mãos sujas.

Ele olha fixamente para a palma da mão livre sob o sol que se põe lentamente e que lança um brilho alaranjado sobre o seu cabelo preto-azeviche. Olha para o sangue seco como se tivesse esquecido de que lá estava e encolhe os ombros com indiferença.

— Vais habituar-te.

Habituar-me ao quê?

Este maluco está drogado ou algo assim?

Não ficaria surpreendido se ele tivesse cheirado cocaína como uma estrela de *rock* dos anos 90 e fumado mais erva do que um fã do Bob Marley, antes desta maldita iniciação.

— Larga-me — repito, com voz firme, e empurro o seu braço com toda a força.

Ele afrouxa o aperto, mas não me solta.

Um murmúrio de deleite escapa algures da sua garganta.

— Mandão. Gosto disso. Mas sabes do que gosto mais? Do teu sotaque chique. Pergunta: também soa assim quando dizes obscenidades?

Semicerro os olhos. O que há de errado com este idiota? Será que alguém lhe bateu na cabeça?

— Esta é a terceira e última vez que te peço. Larga-me.

— Porquê? — Ele acaricia-me o cabelo com os dedos, e aquela onda de algo que não é náusea percorre-me as veias em clarões de amarelo cintilante.
— Estou a gostar.

— Eu não. — Contraio os músculos para combater a inquietação que me inunda a corrente sanguínea. — Dás-me nojo.

— A sério? — Os seus olhos, da cor do céu da meia-noite, brilham de puro sadismo conforme se inclina para mais perto e murmura: — Melhor ainda.

O seu hálito quente roça-me a lateral do pescoço. Cerro a mandíbula e preciso de toda a minha força para afastar o desconforto que ainda *não* é náusea.

Nem um pouco.

A sensação espalha-se desde o local por onde ele desliza os dedos, na nuca, até à orelha onde sussurrou.

Tenho de sair daqui. *Agora*.

Estendo a mão para o chão atrás de mim e agarro o primeiro objeto que encontro, arremesando-o com força contra o rosto dele.

Ele solta-me o pescoço e não fico à espera de ver a sua reação; em vez disso, salto e corro para trás dos arbustos.

Rápido.

Sem olhar para trás.

Corro como se estivéssemos no prolongamento de um jogo e a equipa dependesse de mim para passar a bola aos atacantes.

Sou eu contra a noção distorcida do tempo. Sempre foi assim.

A apreensão é substituída por uma descarga de adrenalina e pela necessidade de fugir.

Para longe.

Muito longe.

Uma figura escura quase colide comigo e ambos derrapamos, parando mesmo antes de embatermos um no outro.

O Máscara Vermelha.

Ele carrega o taco de basebol ensanguentado e olha para mim como se eu fosse um inseto que se atravessou no seu caminho.

A adrenalina dissipa-se lentamente e um tremor espalha-se pelos meus membros como um incêndio descontrolado.

Para de tremer.

Para de tremer, seu fraco.

Para!

Quase consigo controlar as emoções repentinas e esporádicas, mas o nojo sobe-me do estômago para a garganta antes de conseguir sequer pestanejar.

O cheiro característico a álcool, cigarros, bergamota e sangue envolve-me.

Não.

Não.

Não.

Olho para trás e os meus olhos cruzam-se com os do Nikolai, agora mais escuros. Estão mais perturbados do que uma bruxa durante um funeral pagão, vermelhos e cheios da promessa de derramamento de sangue.

O *meu* sangue.

Sem me permitir pensar no assunto, caminho na direção do Máscara Vermelha. Ele pode bater-me com o taco; por mim, tudo bem. Talvez tenha a sorte de perder a consciência e, assim, poder retirar o meu cérebro desta situação.

— Vê só, apanhei um gato vadio. — A voz áspera do Nikolai soa como um gatilho para pesadelos. — Ele não parava de correr e tem mau feitio. Atirou-me um ramo enorme à cara e quase me deixou inconsciente. É impossível não adorar os agressivos. É tão divertido parti-los aos pedaços.

Dirijo-me ao Máscara Vermelha, que me examina de cima a baixo e depois levanta o taco.

Até que enfim.

Está feito.

Acabou.

Vou voltar para um mundo onde o meu caminho não se cruza com o destes desperdícios humanos...

Algo pesado cai-me nas costas e recuo quando um braço forte me envolve o pescoço e quase me esmaga a traqueia.

Não consigo respirar. Não consigo...

O instinto de sobrevivência entra em ação e dou uma cotovelada ao Nikolai com toda a energia que me resta. Ele podia muito bem ser uma parede, porque não só não me solta, como também intensifica ainda mais o aperto.

O pânico retesa-me os músculos. Empurro-o com força selvagem e mordo-o a determinado momento, mas o Nikolai não recua. Arrasta-me para trás das árvores, com os meus pés a rasparem no chão, e tento abrir a boca para pedir ajuda, nem que seja a outro maldito Heathen.

O Nikolai pouisa a outra mão sobre a minha boca, pressionando-me a máscara contra os lábios.

— Shhh. Preciso que te cales.

As palavras saem-me abafadas, em sons assombrados, como naqueles filmes de terror assustadores em que o cromo morre primeiro.

Sou eu. O cromo sou eu.

Numa última tentativa, projeto todo o meu peso para trás. A minha massa muscular não se compara à dele, mas treino imenso.

Também corro. Mais do que seria humanamente possível.

O Nikolai perde o equilíbrio e corro para a direita, mas o mundo é-me puxado debaixo dos pés. Ele atira-me ao chão e caio de bruços.

Um peso enorme bate-me nas costas e o Nikolai cai em cima de mim como uma pilha de tijolos.

Tusso, a debater-me, e a minha inspiração profunda obriga-me a respirar pequenas partículas de terra. Sinto os pulmões a arder porque ele continua a estrangular-me.

— Um lutador. *Jackpot*. — A voz dele ecoa como a tinta escura de que são feitos os meus pesadelos. — Luta mais comigo. Com mais força. Mais forte. Mais rápido. Quero luta!

Bato-lhe duas vezes no braço, ofegante e sem fôlego. Fico tonto e vejo pontos amarelos e laranja a brilhar atrás das pálpebras pesadas.

— Não lutas? — Ele parece desapontado. — Pronto, acho que não consegues se estiveres a ser estrangulado. Se te soltar, vais comportar-te? — Arranho as mangas compridas da camisola dele com as unhas curtas, e ele resmunga. — Embora esteja contente com o *status quo*. Gosto bastante desta posição.

A humilhação percorre-me a corrente sanguínea como veneno, enquanto a sensação do seu corpo a esmagar-me se regista mais depressa do que a falta de ar. Ele cobre as minhas costas com o peito e tem o joelho preso entre as minhas coxas. Tem o corpo todo pressionado sobre mim, e é tão pesado.

Espremo-me contra o chão como se isso me ajudasse a escapar. Uma risada sombria irrompe-me no ouvido quando ele afrouxa o aperto o suficiente para eu respirar.

No entanto, não faz qualquer movimento para me soltar ou sair de cima de mim.

Inspiro em golfadas irregulares e tusso com a súbita entrada de ar.

— Já te disseram como és *sexy* quando lutas para te manter no controlo? Era capaz de te engolir vivo e não deixar migalhas. — A última frase é sussurrada junto ao lóbulo da minha orelha e quase vomito.

Estou fora de mim.

Longe do meu cérebro esquisito.

Não sei de onde tiro as forças, mas dou uma cotovelada ao Nikolai e ras-tejo para longe antes que ele consiga sequer pestanejar.

Assim que me ponho de pé, começo a correr...

— Presumo que não estejas preocupado com o teu irmão?

Paro e viro-me lentamente. O Nikolai está de pé, com os braços cruzados e a cabeça inclinada para o lado, observando-me com indiferença.

Só que não há nada de indiferente nele. O idiota só pode ser descrito como calculista.

— Ouvi dizer que ele está envolvido em muitas confusões — continua. — O Landon, quero dizer. É por causa dele que estás aqui, certo?

Arregalo os olhos por trás da máscara.

— Foste tu que me enviaste o convite?

— E não me desapontaste. Vitória para o amor fraternal.

Avanço na sua direção e agarro-o pelo colarinho da camisa, puxando-o para tão perto que o peito dele colide com o meu.

— Onde é que ele está?

Ele leva a mão ao meu cabelo, agarra um punhado e puxa pelas raízes até me obrigar a inclinar a cabeça para trás. Depois, olha para mim.

— Onde achas que ele está?

Não lhe solto o colarinho. Não me importo se ele é selvagem ou completamente desequilibrado. Se tocar com um dedo em alguém que eu amo, serei o seu pior inimigo.

— Não me faças repetir — digo, com os dentes cerrados.

— Porquê? O que acontece se repetires? Estou um tanto curioso... e por «um tanto», quero dizer que tenho de saber. Agora.

— Tu... — Paro de falar quando ele roça a sua máscara na minha.

O hálito dele embacia o plástico e roça-me os lábios.

— Hum? O quê? O que é que eu sou? — pergunta ele, com um leve toque de loucura, como o fantasma de uma criança num castelo assombrado que repete a mesma frase com a voz distorcida.

Empurro-o e ele cambaleia para trás, largando-me o cabelo, mas, como um elástico, ressalta de imediato, invadindo o meu espaço e encurralando-me.

É muito mais ameaçador e intimidante em pessoa.

E eu não costumo sentir-me intimidado.

— Para! — Ergo ambas as mãos, mas o sacana embate contra elas, os músculos a retesarem-se sob os meus dedos.

— Ainda não me disseste o que sou. Continua. Não me deixes na expectativa. — Sorri, o movimento parecendo feroz por trás da máscara ensanguentada. — É bom? Ou mau? Um dos dois? Nenhum? Os dois?

— *Para* com isso. — Tenho de canalizar toda a minha força para as mãos enquanto ele empurra e se contorce contra mim, como um touro.

O som de um estalido de língua ecoa no ar quando ele finalmente desiste de tentar colar o peito ao meu.

Mantenho as mãos erguidas, sem confiar que vá parar com os movimentos frenéticos. Não consigo deixar de reparar na forma como ele está tenso como aço.

Os seus músculos peitorais contraem-se sob os meus dedos e deixo cair os braços ao lado do corpo, afugentando o torpor e o estranho sabor a adrenalina.

Quando falo, a minha voz está calma. Serena. Controlada.

— O Landon. Onde é que ele está?

— Betinhos aborrecidos — murmura entre dentes, antes de rodar sobre os calcanhares e marchar na direção oposta.

Fico ali parado durante alguns segundos, a respiração a embaciar o interior da máscara. Depois, sigo-o, as pernas a parecerem leves e completamente estranhas, como se já não fossem uma extensão do meu corpo.

— Vais levar-me até ele? — pergunto, quando me aproximo do Nikolai.

Ele vira a cabeça abruptamente na minha direção e tenho de reprimir um estremecimento ao ver o sangue. É uma visão à qual jamais me irei acostumar, por muito que tente.

— Se o fizer, o que farás por mim? — pergunta ele com aquele brilho no olhar que eu juraria ter-se apagado há dois minutos.

— Não denunciar as tuas atividades ilegais à polícia. Embora devesse considerar mudar para um passatempo menos violento.

— Mas onde está a graça nisso?

— Em seres normal, por uma vez?

— É c-h-a-t-o que se soletra? — Ele aproxima-se e dou um passo para o lado, escapando por pouco ao choque do seu ombro contra o meu.

— Afasta-te.

— Ah, porra. Quero descongelar essa camada de controlo em que estás envolvido e ver o que se esconde dentro do menino betinho.

Cerro os dentes e relaxo lentamente para não desencadear a sensação com a qual tenho convivido durante a maior parte da minha vida.

— Não sou um menino.

— Como quiseres, betinho.

— Qual é o teu problema, afinal?

— Eu? — Ele aponta o polegar para si mesmo. — Parece-me que quem está cheio de problemas és tu, rapaz.

As minhas narinas dilatam-se e a minha mão fecha-se num punho.

Tu tens problemas.

Muitos.

Não queres ser uma desilusão.

O Nikolai desvia o olhar para a minha mão, balançando-se nos calcanhares como se estivesse à espera de um presente de Natal.

— O que vais fazer com isso? Dar-me um murro? Só para que saibas, podes sujar essas mãos bonitas com sangue nojento.

O impulso de lhe bater retorce os meus músculos num nó apertado, mas forço os dedos a relaxar.

Eu não recorro à violência. *Nunca.*

Este idiota tresloucado não vai mudar isso.

— Não? Que pena. — Tão depressa como brilharam, os seus olhos voltam a ficar opacos, transformando-se em duas esferas negras.

Negro sobre negro.

Negro sobre...

Fecho os olhos por um instante para afastar os pensamentos turvos. Quando os abro, vejo o Nikolai a entrar no que parece ser uma casa anexa.

Não tinha reparado nela durante a caminhada, demasiado concentrado neste parvo e no seu comportamento imprevisível para prestar atenção ao caminho.

À revelia do bom senso, vou atrás dele. Não que tenha escolha. O Nikolai sabe onde o Landon está e tenho de garantir que o meu irmão gémeo está em segurança.

O interior parece muito mais simples do que o exterior — limpo e clínico —, mas as paredes brancas estão manchadas de sujidade em alguns pontos. A decoração resume-se a um sofá de couro e a uma mesa encostada à parede, e há uma porta que dá para o que parece ser um armário de arrumação.

Fico à entrada enquanto o Nikolai se atira para o sofá, com os braços para trás e as pernas bem abertas, como se fosse um daqueles machões que acham que são os donos do mundo.

Ele faz-me sinal para me aproximar com o dedo indicador e eu rosno por trás da máscara. E eu nem sequer sou de rosnar.

Também não fujo, não dou cotoveladas nem grito por socorro, e já fiz tudo isso esta noite. Graças a este sacana.

— Faz isso outra vez e parto-te o dedo. — Lanço a ameaça com calma e um sorriso. Ele provavelmente não o consegue ver, mas que se lixe.

— Vem cá se quiseres ver o teu irmão a respirar mais um dia.

Os meus ombros ficam tensos e dou passos cuidadosos em direção a ele, cada um a ecoar mais alto do que o necessário.

Só quando estou ao alcance do seu braço é que percebo que ele está a ocupar um sofá onde deviam caber pelo menos três pessoas.

Ainda estou a contemplar o seu tamanho impressionante quando um ruído me escapa dos lábios. Um som assustado, quase ridículo, que soa estranho ao sair-me da garganta.

Mas não me concentro nisso, mais preocupado com a razão por detrás dele.

O Nikolai agarra-me pelo pulso e puxa-me com tanta força que caio em cima dele, o meu peito a embater no dele e as nossas máscaras a chocarem.

O assalto aos meus sentidos é muito mais intenso desta vez, à medida que aquele brilho estúpido regressa aos seus olhos anteriormente baços.

— Ora, ora. Finalmente decidiste juntar-te à festa.

Reprimo um palavrão enquanto tento levantar-me. O Nikolai deixa-me fazê-lo, mas cometo o erro de lhe virar as costas.

Ele pouisa as mãos brutais nas minhas ancas e abafo qualquer ruído que tente escapar. Um palavrão. Era decididamente outro palavrão.

E não importa que eu não costume dizer asneiras.

O Nikolai puxa-me para baixo e o meu rabo embate numa superfície dura. As suas coxas.

Mas que...

O pânico corre-me nas veias e começo a levantar-me, mas ele empurra-me com força suficiente para fazer o meu corpo embater contra o seu.

— Fica quieto, porra, a menos que estejas com vontade de tratar da ereção que me estás a causar.

Fico de queixo caído — figurativamente, claro. Sou capaz de pagar para que ele desapareça literalmente. Indefinidamente.

Volto a tentar, precisando de escapar do idiota. Mas antes que possa mexer-me, ele envolve-me a cintura com o braço e espalma a mão sobre a minha barriga.

— Alguém tem bons abdominais.

— Para de me tocar e de fazer insinuações sexuais — sibilo entre dentes, cravando os dedos no seu braço e empurrando-o. — Sou heterossexual e não tenho qualquer interesse nas tuas parvoíces.

Ele ri-se, o som a reverberar como uma sinfonia que correu mal.

— Não me digas.

— O que raio é que isso quer dizer?

— Não sei. O facto de dizeres «insinuações sexuais», talvez. Que betinho.

— O quê?

O que quer que ele esteja prestes a dizer é abafado por vozes e pelo barulho de passos lá fora. O Máscara Verde entra por uma porta à direita na qual não tinha reparado e fico rígido.

Apercebo-me rapidamente da minha situação e o calor sobe-me à cabeça. Estou sentado no colo de um gajo qualquer.

Eu. Brandon King.

No entanto, permaneço completamente imóvel, sem querer chamar a atenção para mim. De qualquer maneira, estou a usar a máscara. Se ficar quieto, ele não vai olhar para mim nem reparar...

Fico de queixo caído quando a minha irmã mais nova, nada mais, nada menos, entra apressada pela porta, com as bochechas vermelhas e um ar agitado. A Glyn olha para mim, e é como se estivesse a ser despido, a cair do céu sem rede de segurança.

Baixo a cabeça, a olhar para os meus pés, e logo aquela água negra, espessa como tinta, engole-os por completo, subindo-me pelas pernas até aos joelhos.

Tentáculos prendem-se à minha pele como um torno, puxando, agarrando, mergulhando-me num buraco sem fim.

Para baixo.

Para baixo.

Para baixo...

— Ela já saiu — murmura uma voz arrepiante ao meu ouvido, e eu estremeço.

A tinta preta dissipa-se lentamente e levanto a cabeça para descobrir que a Glyn e o Máscara Verde estão a desaparecer por uma terceira porta à esquerda.

Solto um suspiro, mas sinto-o preso na garganta quando o Nikolai me acaricia a barriga.

É por cima da camisola, mas é como se estivesse a coçar a superfície da minha pele, quase a desprendê-la dos músculos. Um ardor explode no fundo do meu ventre e espalha-se pelo resto do corpo.

— Que irmão tão responsável. Primeiro, vieste aqui porque inventei uma história sobre o Landon e agora estás preocupado com a tua irmã. Temos algo em comum. Gosto disso.

Sinto a cabeça a girar, sobretudo devido à sua respiração perto do meu ouvido, à mão na minha barriga e às coxas duras como pedra debaixo das minhas.

De seguida, penso no que ele disse e semicerro os olhos:

— Inventaste uma história sobre o Lan?

Ele encolhe os ombros.

— De que outra forma teria conseguido trazer-te para aqui? Para o meu colo, quero dizer.

Um vulcão de raiva irrompe dentro de mim e apetece-me dar-lhe um soco na máscara.

Tanto, mas *tanto*.

Contudo, não o faço. Porque eu não faço essas coisas.

Uso a energia para o empurrar e levanto-me.

— Afasta essas mãos nojentas de mim. Para bem longe.

Aquele brilho volta a aparecer-lhe nos olhos, mas, antes que eu consiga descobrir que tipo de absurdo está a planear, o Jeremy entra pela porta por onde a Glyn e o Máscara Verde desapareceram, segurando a máscara laranja e um bastão ensanguentado.

Ele só perde para o Nikolai em largura de ombros e em expressões faciais desagradáveis. Mas, enquanto o idiota atrás de mim é extrovertido, violento e, regra geral, detestável, o Jeremy é calmo — do tipo que parece sereno, mas na verdade é tão infame quanto o seu querido amigo parvalhão.

Está carrancudo, parecendo perdido em pensamentos enquanto atira o bastão ao chão e passa os dedos pelo cabelo húmido, colado à nuca.

— Jer! — O Nikolai salta para o meu lado e passa-me um braço pelos ombros, como se fôssemos amigos. — Apresento-te o Oitenta e Nove. Tenho quase a certeza de que é o único que chegou até aqui e, portanto, pode ser membro dos Heathens.

O Jeremy levanta a cabeça e observa a cena pela primeira vez. Estava tão perdido nos seus próprios pensamentos que nem sequer reparou em nós.

Ele arqueia as sobrancelhas para o Nikolai, depois semicerra os olhos para o sítio onde ele me está a agarrar.

Lanço um olhar assassino a este imbecil selvagem, que ele simplesmente ignora.

Está pedrado. Só pode ser isso.

Não há outra explicação para ele achar que o irmão gémeo do Lan, também conhecido como o seu pior inimigo, se iria juntar às fileiras do seu precioso clube. Ou por que carga de água acharia que eu o faria.

Agora que sei que o Lan não está em perigo, não tenho motivos para tolerar a sua presença desagradável.

Afasto a mão dele do meu ombro, sem me dar ao trabalho de esconder o meu desprezo, volto-lhe as costas e saio.

Ou melhor, desato a correr.

Para longe. Para muito longe.



TRÊS

Nikolai

O Kolya Jr. tem tendências aventureiras desde a sua primeira ereção, com apenas cinco anos de idade.

Foi uma descoberta tão maravilhosa quando descobri que o meu pênis estava duro que dei gargalhadas de alegria. Depois, comecei a correr por toda a casa, a sacudi-lo, a apontá-lo e a exibi-lo para qualquer pessoa que se cruzasse no meu caminho, enquanto gritava:

— Olhem! Tenho uma arma!

O meu pai partiu-se a rir. A minha mãe parecia que ia vomitar ou entrar em combustão espontânea.

Bons tempos.

Para mim e para o meu pai. Sem dúvida que não para a minha mãe, já que estava a tapar os olhos das minhas irmãs gémeas, levando-as para dentro e dizendo-me para voltar a meter a *pilinha* nas calças.

Fiz beicinho e murmurei:

— Mas a minha pilinha gosta de apanhar ar.

A minha mãe olhou para o céu, provavelmente para o irmão mais velho invisível lá em cima, e, quando não funcionou, direcionou o olhar para a única figura que se assemelhava a um deus real nas nossas vidas: o meu pai.

Depois de se rir a bandeiras despregadas — aquele homem tem um sentido de humor cinco estrelas, adoro-o —, ele ajudou-me a guardar um Kolya amuado. E podem ter a puta da certeza de que o meu pênis tinha todo o direito de estar ofendido, já que o seu primeiro espetáculo acabava de ser interrompido.

O meu pai disse-me que eu não podia usar a pilinha como arma. Pelo

menos, *ainda não* — como já disse, aquele homem tem o melhor sentido de humor, como seria de esperar do meu pai — e que estava proibido de me despir à frente das minhas irmãs.

Ele também estabeleceu a regra estúpida de que não posso andar sempre nu. Malditas restrições sociais e todas essas tretas.

Seja como for, aquele foi o nascimento oficial do Kolya Jr., ou Kolya, para abreviar. *Kolya* é o diminutivo russo do meu nome, mas raramente é usado, e apenas pelo meu avô, um russo de gema que rosna só de pensar que o diminutivo Niko ganhou a batalha por cem a um.

E não, o meu avô não faz a mínima ideia de que eu chamo *Kolya* ao meu pau, senão tiravam-me logo o passaporte russo. E isso não teria piada nenhuma. Eu respiro *vodka*.

De qualquer forma, desde aquele incidente da ereção, o Kolya tornou-se o pênis mais promíscuo e aventureiro que alguém poderia conhecer. É engenhoso, para dizer o mínimo, e uma verdadeira máquina de foder, para ser franco. Parte do seu vasto arsenal é ser fácil de satisfazer. Deem-lhe um buraco disponível e ele chora de alegria — literalmente.

Por isso, imaginem a minha surpresa quando hoje decidi ignorar-me completamente.

Apresentei ao Kolya, que estava especialmente frustrado, os seus sabores favoritos. Ao mesmo tempo.

Pau e cona? Para mim, é o *jackpot*.

Após a iniciação, voltei para a mansão dos Heathens e enviei uma mensagem a três dos meus contactos para virem adorar o altar do Kolya.

Todos os três responderam, portanto, que escolha tive eu? Um quarteto pareceu-me divertido, por isso, disse-lhes para virem todos e assim foi: chegaram carregados de erva e álcool, e um deles estava a mastigar um comprimido azul.

Não sei se devem ser mastigados, mas não me importei e servi-lhe *vodka* para ajudar... hum... com a digestão e essas coisas.

Não me perguntem como conheço os dois gajos e a rapariga. A rapariga é da faculdade, provavelmente. Mais uma vez, não perguntem o que se passa por lá. Estou a tirar Gestão, mas mal pus os pés numa aula desde que entrei. Contanto que mantenha a média alta, graças à minha memória fenomenal, ninguém se rala. Eu incluído.

Quanto aos dois gajos, sei lá. Por acaso, atraio muita atenção — talvez tenha a ver com a extravagância do *piercing* mágico em forma de cruz que tenho no Kolya, que muitos juram que os levou ao paraíso.

Ou ao inferno. Depende dos fetiches de cada um.

Também pode ter a ver com o facto de eu não virar as costas a nenhuma preferência. Uma vez, uma rapariga pediu: «Estrangula-me, *paizinho*», e eu quase a matei. Em minha defesa, ela não especificou com que força devia sufocá-la, então segui o meu instinto — sendo que o meu instinto grita violência máxima. Ela adorou e até voltou para outra dose.

Outro rapaz enviou-me uma mensagem a dizer Estás à procura de um capacho? Podes pisar-me quando quiseres que eu dobro-me e aguento. E foi o que eu fiz, pisei-o. *Então?* Ele é que pediu e, sem brincadeira, ejaculou por todo o quarto. Depois, dobrou-se e levou com ele.

Bons momentos.

No entanto, a noite passada definitivamente não foi divertida.

Foi tão longe de ser divertida que fiquei com uma dor no pescoço.

Tinha três pessoas extremamente atraentes à minha disposição, mas o Kolya estava a fazer-se de difícil como um filho da mãe virgem. Coisa que não é.

Pela primeira vez na minha vida, não consegui vir-me. Mesmo quando me ofereceram as suas bocas, orifícios e tudo o mais. Na verdade, nem me senti motivado para libertar o Kolya do seu confinamento mais odiado: as minhas calças.

Depois, eles esqueceram-se de mim e voltaram-se uns para os outros enquanto eu observava, sentado na escada a beber uma garrafa de *vodka*. Foi um *ménage à trois* de proporções épicas que começou com beijos, sexo oral mútuo, e os dois gajos a penetrar a rapariga ao mesmo tempo, fodendo-a até quase desmaiar. A certa altura, empurraram-na para o lado. O Gajo do *Viagra* ainda queria mais, então dobrou o outro, fodeu-o e depois veio-se no rabo dele. Ou acho que foi isso que aconteceu. Porque foi nesse momento que adormeci.

Ao fundo das escadas.

Se isso não mostra quão desesperado estava o Kolya sem diversão, não sei o que mostraria.

Não a parte de dormir ao fundo das escadas, porque juro que o meu corpo só consegue adormecer num sítio que não seja uma cama. Isso veio com o meu estado mental lixado.

Isto é sobre o facto de eu não ter participado. Num dia normal, estaria no centro da ação, elevando a energia *queer* de todos. Há uma razão pela qual as pessoas respondem sempre «sim» quando lhes envio uma mensagem. Sou uma fonte garantida de *diversão* desenfreada.

Ontem à noite, não só não fodi vários orifícios, como também estava *aborrecido*.

Completa e totalmente *indiferente*.

Tal como estive hoje, quando a professora estava prestes a fazer-me sexo oral. Uma bomba *sexy* com lábios carnudos e tudo o mais.

O Kolya estava quase excitado, mas não queria os lábios dela nem perto da sua existência aborrecida.

Foda-se.

Entro pela porta da mansão depois das aulas, paro no *hall*, puxo a *T-shirt* pela cabeça e atiro-a para o chão. O colar que o meu pai me deu balança, e eu acaricio a bala que nele pende antes de a deixar cair sobre o meu peito nu.

Pronto. Muito melhor.

As pessoas deviam agradecer-me por usar calças. Esta sociedade puritana devia relaxar um bocado. Tenho um corpo lindo e prefiro exibi-lo em vez de o manter escondido. O mesmo se aplica ao meu pau monstruoso. Normalmente, tenho muito orgulho no tamanho do Kolya e do seu desempenho digno de uma estrela pornográfica, mas hoje *não* é o caso.

Semicerro os olhos para o projeto de ereção nas calças.

— Que merda se passa contigo, filho da puta?

Será por causa de todo o sexo que faço? Não. Claro que não. É disso que ele gosta. É por isso que fica completamente à vontade com qualquer buraco. Opções infinitas e tal.

Talvez devesse ampliar essas opções... Mas com quem? Já dormi com literalmente toda a população à minha disposição.

Vamos voltar atrás.

O que poderá ter acontecido para desencadear o desinteresse do Kolya? Ele está preso nesta fase estranha em que parece prestes a ficar excitado, mas nunca chega lá.

Ontem de manhã, vim-me num rabo e numa cona — ou foram dois rabos e uma cona? De qualquer forma, estava um pouco pedrado na altura; como hei de saber ao certo?

O que eu sei, no entanto, é que o Kolya estava definitivamente com a pica toda para o evento tão aguardado — a iniciação. Espancar pessoas até ao limiar da morte? Exercer domínio sobre as suas vidinhas insignificantes?

Extasiado.

O Kolya estava a sentir-se muito bem e teve a melhor noite da sua vida de pau, especialmente depois de...

Um espasmo percorre-me a virilha e faço uma pausa.

Ele estava a sentir-se melhor do que o normal quando...

Um rapaz relutante e nervoso deslizou o rabo firme por cima dele.

— Oh, não. — Olho para as calças. — Merda, não, seu cabrão.

Ele contorce-se outra vez, como se dissesse «Oh, sim».

— Que merda é esta? És masoquista? Ele disse que era *hétero*. Disse para manteres as tuas *parvoíces* longe dele, como se fosse um insulto.

A minha pila não entende insultos, já que tem a bússola moral de um preservativo usado, e mantém-se ali em sentido como um miúdo aplicado na sala de aula.

— Tu precisas de ser examinado, meu. De preferência por um exorcista, para te expulsarem esses demónios e essas merdas.

Agora que penso nisso, quando estava a adormecer, não estava a ver o trio sensual, mas o movimento de uma maçã de Adão bonita enquanto o Brandon se encolhia, se contorcia e engolia em seco.

Merda.

Neste momento, o Kolya está sem dúvida excitado e cheio de ânimo. Quem sabe se eu lhe der o mesmo sabor dos três de ontem à noite...

Ele amolece tão depressa que eu amaldiçoo o seu criador.

Sou eu. Eu sou o criador.

— Vai-te lixar, filho da puta — murmuro.

Não me meto com homens heterossexuais.

Nunca.

Muitos deles têm egos frágeis e uma energia machista que me irrita e me leva a uma violência impulsiva repentina. Prefiro *queers* que se sintam confortáveis com a sua própria sexualidade, como eu.

A única altura em que me aproximo de um homem heterossexual é se ele for um bissexual curioso e perdido, que queira experimentar. Nesse caso, faço questão de levá-lo ao paraíso. Como um anjo fez com algum profeta — não me perguntem qual é o nome dele; nem me lembro do meu na maioria das vezes.

O Brandon King *não* pertence a nenhuma das minhas listas de interesse.

Ele é muito rígido e fechado, para não dizer armado em parvo e arrogante. A existência dele, por si só, devia dar-me um caso grave de disfunção erétil.

Foda-se.

Aquele gajo bem precisava de um calmante. Ou vários. Na verdade, alguém devia enfiar-lhe o frasco inteiro pela garganta abaixo até ele se engasgar.

Que se lixe ele e os seus *larga-me e para de me tocar*.

Eu sou heterossexual. Como se isso fosse verdade.

Quase se esfregou no meu pau e ficou ali sentado, enquanto eu cuidava de uma ereção de proporções épicas durante cinco minutos. Não que os tenha contado ou algo assim.

Ou talvez tenha. Para provar a sua teoria.

Heterossexual, uma ova... e mal cozida. O trocadilho foi completamente intencional.

Devo referir que, durante esse tempo, a irmã dele passou por nós e ele quase se passou dos carros, o que provavelmente foi a razão pela qual ficou paralisado durante um longo período de tempo, mas estou a divagar.

Não estou minimamente interessado na sua mítica batalha heterossexual. Que se lixe, se querem saber a minha opinião.

A razão pela qual o convidei para a iniciação foi apenas para provocar o seu irmão gémeo, o grande idiota que lidera os betos dos Elites e acha que pode competir connosco.

Há algumas noites, eu e o Landon lutámos num dos meus lugares favoritos da ilha: o clube de luta. Eu estava desertinho para espancar aquele idiota inglês à frente dos seus fãs.

Mas, depois, o *Brandon* apareceu e ficou ali parado, como uma versão principesca do irmão.

Admito que perdi a concentração porque ele parecia mesmo agitado perante a possibilidade de o Landon ser espancado até à morte, e também admito que o Kolya apreciou a vista.

Ele é *atraente*. E é diferente do irmão exibicionista e provocador.

O Brandon tem uma presença mais discreta e comporta-se como o típico «menino de ouro».

Cabelo castanho liso, rosto bem cuidado, alto e magro, mas musculado. Sim, não se deixem enganar por aquelas roupas de beto — o idiota tem abdominais. Seis, para ser exato. Contei-os ontem, já que não tinha mais nada para fazer com as mãos. Teria preferido deixar que os meus dedos seguissem um caminho mais divertido, mas duvido que o mal-humorado do Brandon tivesse achado piada.

Adiante... *Para de te distrair. Agora, cérebro. Estou a falar a sério.*

Quase perdi aquela luta porque o Brandon se meteu no caminho. Nota mental: garanto que, normalmente, não me distraio durante lutas por causa dessas razões idiotas.

Por isso, é *claro* que tive de meter-me com o Bran da mesma forma que ele ousou meter-se comigo. Acontece que a iniciação estava a aproximar-se e eu não podia perder a oportunidade.

Como ele estava tão preocupado com o parvo do irmão, inventei todo um drama sobre a sua participação. Foi um tiro no escuro. Achei que o Brandon não fosse cair na esparrela, já que é um snobe que olha de cima para pessoas como eu.

Imaginem a minha surpresa quando ele entrou como um cordeiro perdido. Um cordeiro perdido e *heterossexual*.

O que eu não esperava era a sua agressividade subtil e os indícios de

submissão que espreitavam por baixo daquele controlo rígido que usa como uma segunda pele.

Visto de fora, parece demasiado chato e presunçoso, e dá ideia de que precisa mesmo de apanhar uma moca. Talvez uma mistura de drogas afrouxasse a camada de parvoíce que o envolve.

No entanto, algo mudou quando foi pressionado — o seu corpo estremeceu e ele lutou para se esconder atrás da máscara, literal e figurativamente.

A minha pila salta ao lembrar-me dele imóvel como uma estátua no meu colo. Acho que ele não percebeu, mas tinha as duas mãos apoiadas nas coxas, como um príncipe bem-comportado. Depois, foi-se embora antes que eu pudesse convencer os outros a admiti-lo no clube. Não que eles fossem concordar, e o Jeremy ficou horrorizado quando descobriu a identidade dele, mas enfim. Foi só uma brincadeira.

Usá-lo contra o irmão, se surgisse a oportunidade.

Talvez, pelo meio, destruir-lhe as fantasias sobre a sua orientação sexual. Raramente me meto com homens heterossexuais, mas isto era demasiado tentador para deixar passar.

O sangue corre-me para a virilha e murmuro:

— Vai-te foder, seu cabrão. Precisas de ajuda.

— *Tu* é que precisas de ajuda, Niko. — O meu primo Killian passa por mim ao entrar, acompanhado pelo Gareth, o irmão, e pelo meu melhor amigo, o Jeremy.

Eles devem ter terminado as aulas e voltado juntos, coisa que eu também devia ter feito.

Mas, enfim, esqueci-me.

O Jeremy para perto de mim. Ele é alguns centímetros mais baixo do que eu e, decididamente, o mais musculado depois de mim. É alguns anos mais velho, mas é o meu melhor amigo desde que me lembro. Se bem que devo tê-lo melgado até ele não ter outra hipótese senão gramar comigo.

Ele afasta o cabelo escuro do rosto e semicerra os olhos.

— Niko, por favor, diz-me que não estavas a falar com pessoas invisíveis agora mesmo.

— Claro que não. Estava a ter uma conversa muito frustrante com a minha pila.

— Isso é ainda pior. — O Gareth dá-me um empurrão no ombro e ri-se.

O meu primo mais velho, com vinte anos, é o príncipe do nosso grupo de desordeiros. Cabelo louro e liso, queixo definido, olhos verdes como os de um elfo e covinhas nas faces. O problema é que é mais sensato do que devia. Isso torna-o um pouco chato, só para constar.

Ele é completamente diferente do Kill, o irmão mais novo, que tem a minha idade, cabelo escuro, olhos azuis penetrantes e a personalidade de um assassino em série. O meu tipo favorito de personalidade. Quanto mais passado dos carretos, melhor.

É um parvalhão, mas pelo menos é um parvalhão que não tenta impedir-me de causar confusão; em certas circunstâncias, aprova e incentiva-me.

— Porque haverias de falar com a tua pila? — pergunta o Jeremy, parecendo meio curioso, meio assustado.

O que é praticamente a norma quando se trata de mim.

— Temos opiniões diferentes em relação a um assunto. Acabaremos por chegar a um acordo mais cedo ou mais tarde.

— Ou então podes tratar aquela disfunção erétil de que falámos. Posso dar-te o contacto de um dos meus professores no hospital local — sugere o Kill, enquanto passa por mim e se senta no sofá, a sorrir como um filho da puta que vai ficar com aquele sorriso Colgate todo partido quando eu lhe partir os dentes todos.

— Se quiseres ver o meu pau de novo, é só dizeres. — Pego no cinto, pronto para ir até ao fim.

O Gareth bate com a mão na minha, com uma expressão aterrorizada no rosto.

— Não nos mostres a pila, Niko. A sério, porque é que sentes a necessidade de te despir sempre que alguém menciona o teu pénis? Somos primos, porra.

— Bem, o teu irmão não para de falar sobre disfunção erétil e quero provar que não tenho nada disso.

— Nós acreditamos em ti — resmunga o Jeremy, com óbvio desagrado. — Mantém essa coisa nas calças. Ninguém nesta sala quer ver isso.

— Eu não acredito em ti. — O Kill encolhe um ombro enquanto brinca com o comando da TV.

— Kill! — rosna o Gareth. — Para de o encorajar, ou ele vai andar nu por aí durante dias.

— Boa ideia. — Estalo os dedos. — És tão inteligente, Gaz.

Ele fica logo com um ar desanimado.

— Por favor, não.

O Killian inclina a cabeça para trás e ri-se, enquanto o Jeremy suspira pela milésima vez desde que chegou e se senta ao lado dele. O seu evidente descontentamento pode ter a ver comigo, mas, para ser sincero, não sei o que fiz ou estou a fazer de errado.

— Ah, certo! — Volto a estalar os dedos e sento-me em frente ao Kill e ao Jer.

O Gareth desaparece ao fundo e vejo-o de relance a subir as escadas, provavelmente para escapar ao meu exibicionismo iminente.

Mas isso é assunto para outra altura.

— E agora? — pergunta o Kill, visivelmente divertido. — Vais contar-nos uma história sobre o teu pénis?

— Tentador, mas vou ter de deixar isso para outra altura. Tenho estado a pensar.

— Tu pensas? Se calhar, devíamos fazer-te um exame à cabeça quando fores tratar a disfunção erétil.

— Ah, ah. *Muito* engraçado — digo, sem alterar a expressão. — Agora, cala a boca. Tenho uma pergunta muito importante a fazer. Já alguma vez te sentiste atraído por um homem?

O Kill cruza as pernas à altura dos tornozelos.

— Sabes que eu me deito com quem me apetece, certo? O género não importa, desde que tenham um orifício que eu possa usar.

Pois. Ele andou numa maratona parecida com a minha, mas aquilo era diferente. Não acho que se sinta genuinamente atraído por alguém. Simplesmente, adora o poder.

Eu também adoro, tanto que o facto de não ter tido a minha dose há algum tempo — e por «algum tempo» entenda-se trinta e seis horas — está a fazer com que os testículos do Kolya sofram de uma infame falta de ejaculação.

O Kill é inútil. Adiante.

— E tu, Jer?

— Não acho os homens atraentes. — Ele franze o sobrolho. — A que propósito vem isto?

— Sim, Niko. Não me digas que estás a ter uma crise de identidade depois de seres bissexual há mais de quatro anos?

Ignoro o Kill, porque ele é demasiado mulherengo para me oferecer o ângulo que procuro, e sento-me na mesa de centro, inclinando-me para o espaço do Jeremy.

— Porque é que nunca te sentiste atraído por homens?

— Porque prefiro mulheres. Que raio de pergunta é essa?

O meu rosto está tão perto do dele que qualquer outra pessoa ficaria intimidada e se afastaria, mas a respiração do Jeremy não se altera e ele não tenta mover-se. Está tão confiante na sua heterossexualidade que não se incomoda com o meu comportamento aparentemente estranho.

— Estás com tesão pelo Jeremy? — pergunta o Kill, ao lado, como uma

bruxa prestes a ser queimada no inferno enquanto o Diabo solta gargalhadas maníacas.

— Não. — Recuo. — Ele é mais hétero do que o gajo mais hétero do mundo.

— Obrigado? — murmura o Jer.

— Não foi um elogio.

Ele volta a soltar aquele suspiro derrotado.

— O que é que se passa, Niko?

— Preciso que me arranjes alguém para mutilar. É isso que se passa. — Dou um salto e subo as escadas de três em três, corro pelo corredor e escanarro a porta do quarto do Gareth, batendo com ela contra a parede.

Ele levanta os olhos da secretária, parando de fazer os trabalhos de casa como um totó aborrecido. Credo. Se não se entregasse à violência de vez em quando, já o teria renegado.

Nenhum primo meu se torna chato e fica impune.

— Caramba, obrigado pelo susto de morte. Por favor, não me digas que vais começar a fazer *strip*...?

Aproximo-me dele, com os olhos semicerrados.

— Não te atrevas, Niko, ou juro que vou contar à tia Rai sobre os teus hábitos irritantes...

— Alguma vez te sentiste atraído por homens?

É subtil, e provavelmente não teria reparado se tivesse ficado junto à porta, mas os olhos do Gareth arregalam-se um pouco.

Ele deixa cair a caneta sobre o caderno e suspira alto.

— Do que é que estás a falar?

— Sempre dormiste com mulheres, mas fizeste isso porque sentes que tens de o fazer devido a pressões sociais e ao que é considerado normal... ou porque querias?

— O que se passa? — Ele levanta-se. — O que é que ouviste?

— O que é que eu deveria ter ouvido?

O seu rosto fica triste por um segundo.

Aproximo-me dele.

— Então? O que foi? Diz-me. Diz-me! O que é que deveria ter ouvido?

Ele empurra-me.

— Para com essa merda.

— Não, até responderes à minha pergunta.

Ele passa a mão pelo rosto.

— Eu adoro mulheres. Feliz?

— E homens?

— Eu... não sei. Talvez. — Os seus olhos brilham como uma floresta tropical antes de aclarar a garganta. — Porque é que estás a perguntar?

— Estou a testar uma coisa. Quando é que descobriste que gostas de homens?

— Não gosto de homens. Jesus. — Ele corre até à porta e fecha-a com força, depois encosta-se a ela, com os braços e os tornozelos cruzados. — Não tenho a certeza. Não sei. Adoro foder mulheres, mas...

— Mas o quê? — Aproximo-me dele e inclino-me até conseguir ver as pequenas sardas no seu nariz. — O que te fez mudar de ideias?

— Não mudei de ideias e, a sério, para de olhar para mim com tanta intensidade. É assustador.

— Blá, blá, blá, foda-se, limita-te a dizer o que é que fez esse teu rabo hétero balançar. Figurativamente, claro. — Sorrio de orelha a orelha. — Ou será que foi literalmente?

— Vai-te lixar, parvalhão. — Ele fecha os olhos, com exasperação. — Se contares isto a alguém, especialmente ao Kill, eu mato-te.

— Não conto se confessares. O que te fez mudar de lado?

— Não tenho a certeza se mudei... ou se *mudaria*, aliás. É só... uma pessoa. É isso.

Uma pessoa.

Uma. Pessoa.

Só isso.

Muito *interessante*.

Despenteio o cabelo do Gareth e ofereço-lhe um curso intensivo sobre coisas relacionadas a rabos, mas nem chego a meio da lista do que ele devia saber antes de ele me pôr na rua e me bater com a porta na cara.

Os seus grunhidos chegam até mim através da porta enquanto sorrio e caminho pelo corredor.

Numa escala que vai de «heterossexual convicto Jer» a «Gareth confuso» e «Kill em aberto», pergunto-me onde se encaixa o Brandon King.

Não que esteja tentado a descobrir.

Isso seria uma *loucura*.

Estou a brincar. Eu *sou* louco.

Uma semana depois, às cinco e meia da manhã, estou à espreita na entrada da mansão dos Elites.

Onde o Brandon mora com o Landon, o seu irmão insuportável, e um monte de familiares e amigos.

Acreditem, nunca me passaria pela cabeça acordar tão cedo. Mas não consigo sobreviver apenas com imagens dele preso debaixo de mim, a esfregar o rabo contra o meu pénis.

O Kolya, um cabrão traidor que mereceria ser castrado se eu não fosse um ser sexual por excelência, ainda estremece com essas memórias. Não estive interessado em mais nada, apesar de toda a pornografia que lhe mostrei, tanto ao vivo como gravada. Ele está a ser um idiota. Literalmente.

O que me leva a esta missão amadora de perseguição. Talvez tenha ido ao Instagram do Bran e visto todas as *stories* que ele publica todos os santos dias às cinco e meia, como um relógio suíço.

E, como era de esperar, o portão lateral range ao abrir-se e ele sai, alongando-se sob os primeiros raios de sol. Está vestido com uns calções largos e uma *T-shirt* verde justa que se molda aos músculos como uma segunda pele.

Muito *atraente*.

Contudo, se ele não se cuidasse tão bem, com o rosto barbeado, o cabelo penteado e a aparência sofisticada em geral, seria ainda mais atraente.

Eu gosto dos meus homens sujos, despenteados e com aspeto bruto.

As mulheres são suaves, flexíveis e devem ser adoradas. Os homens são para ser usados.

Quem estou a enganar? Ambos são para ser usados.

E ele não é um dos *meus* homens. Jesus Cristo. Que raio de pensamentos são estes?

Deve ser da privação de sono. *Tem* de ser. Só os tolos acordam tão cedo todos os dias.

Ele tira o telemóvel da braçadeira — claro que o totó tem uma *braçadeira*; combina tão bem com a sua imagem impecável — e tira uma foto ao céu. Depois, passa os dedos pelo ecrã.

Eu pego no meu telemóvel — tiro-o do bolso dos calções, como uma pessoa normal — e vejo a *story*. É uma foto bonita, com parte do portão e o nascer do sol.

#NovoDia

Essa é literalmente a única *hashtag* que ele usa nestas publicações, como se estivesse a planear matar o público à força da repetição.

O Brandon volta a enfiar o telemóvel na braçadeira e toca nos auriculares nos ouvidos, delicadamente, devo acrescentar, como se estivesse a manusear uma pintura de um milhão de euros.

Todos os seus movimentos são lentos, sem pressa. Não, lentos não. Controlados. A tensão contida parece transparecer em tudo o que faz.

Aposto que ele não sabe como se divertir.

Até sentiria pena dele se não estivesse a morrer de vontade de o atirar ao chão e dar-lhe uns bons murros naquele rosto bonito.

Embora *bonito* não seja bem a palavra certa. Ele não é bonito como uma rapariga nem como uma flor colorida à beira da estrada. É *atraente*: queixo definido, olhos duros, nariz reto e uns lábios carnudos que ficariam divinos em torno de um pénis.

O Kolya concorda plenamente, a julgar pela mudança significativa no seu estado de espírito. Tenho de ajustar a ereção e abanar a cabeça.

Para de pensar no Brandon e no pénis. Obviamente, não combinam.

Na verdade, o mais lógico seria dar meia-volta e ir embora.

Mas, lá está, eu nunca fui uma pessoa muito lógica.

Se não ficar, volto amanhã. E se me for embora amanhã, volto no dia seguinte.

A esta altura, é como uma comichão que precisa de ser coçada.

Quando o Brandon começa a correr pela estrada, solto um suspiro, guardo o telemóvel nos calções e sigo-o de perto.

Vou só descobrir se ele está tão confuso como o Gareth e, se estiver, dar-lhe algumas dicas. Considerem-no um trabalho de caridade.

É isso.

Só isso.

Alcanço-o rapidamente, mantendo alguns metros de distância entre nós. Os músculos das costas dele ondulam sob a *T-shirt* e os tendões das pernas esticam e contraem-se, fazendo os calções subirem pelas coxas a cada passo.

Hipnotizante.

O meu olhar insiste em descer até às nádegas redondas dele, firmes e perfeitas.

Se ele for mais hétero do que um hétero, é uma pena deixar aquele rabo completamente desaproveitado.

O Brandon parece perdido no que quer que esteja a ouvir nos auriculares, porque não nota quando encurto a distância entre nós.

Corro ao mesmo ritmo, mesmo atrás dele.

Sei que isto devia ser apenas uma missão discreta de perseguição, mas é impossível resistir ao magnetismo que ele emana.

Que se lixe.

Arranco-lhe um dos *AirPods* e sussurro-lhe ao ouvido:

— Há quanto tempo! Tiveste saudades minhas?